

Manifesto

#outinchurch

Por uma Igreja sem medo

Somos nós! Muito tem sido dito sobre nós. Agora falamos por nós próprios.

Somos funcionários/as em tempo integral, parcial, voluntários/as, e potenciais ou antigos empregados/as da Igreja Católica Romana. Trabalhamos e estamos envolvidos na educação escolar e universitária, na catequese e educação infantil, no setor médico, na administração e organização, no trabalho social e caritativo, como músicos/as da igreja, na liderança da Igreja, e no serviço pastoral.

Nós identificamos como lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros, intersexo, queer e de género não binário, entre outros.

O nosso grupo é diverso. Inclui pessoas que no passado ousaram corajosamente – e frequentemente sozinhas – a sair do armário no contexto da Igreja. Mas também inclui pessoas que só agora decidiram dar este passo e aquelas que, por várias razões, ainda não podem ou não querem dar este passo. O que nos une é que todos nós sempre fomos parte da Igreja e que ajudamos a moldá-la como ela é hoje.

A maioria de nós vivenciou muitos casos de discriminação e exclusão – incluindo dentro da Igreja.

O Magistério da Igreja Católica afirma, entre outras coisas, que nós não podemos formar “um correto relacionamento”¹ com outras pessoas, que nós ficamos aquém da nossa humanidade devido à nossa inclinação “objetivamente desordenada”² e que as relações entre pessoas do mesmo sexo não podem ser reconhecidas “como objetivamente ordenadas aos desígnios divinos revelados”.³

Tais afirmações já não são aceitáveis ou discutíveis à luz das descobertas teológicas e científicas (nos campos da Medicina, da Psicologia, da Antropologia, entre outras áreas do conhecimento). Essas afirmações difamam o amor, a orientação, o género e a sexualidade das pessoas LGBTQ+ e desvalorizam a nossa individualidade.

Tal discriminação é uma traição ao Evangelho e contraria a missão evangélica da Igreja, que deve ser o “sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano”.⁴

Face a estas condições, já não queremos permanecer em silêncio. Exigimos uma correção das declarações doutrinárias misantrópicas – também tendo em vista a responsabilidade da Igreja pelos direitos humanos das pessoas LGBTQ+ no mundo inteiro.

E exigimos uma mudança da discriminatória legislação trabalhista da Igreja, incluindo todas as formulações degradantes e excludentes nos regulamentos eclesiásticos para funcionários/as.

Até o momento, muitos/as de nós não conseguimos lidar abertamente com a nossa identidade de género e/ou orientação sexual na nossa profissão na Igreja ou no ambiente eclesiástico. Legislações trabalhistas implicam várias consequências ameaçadoras, incluindo até a destruição da nossa existência profissional. Alguns de nós conhecemos situações em que bispos, vigários gerais ou outros administradores/as obrigaram pessoas LGBTQ+ a manter em segredo a sua orientação sexual e/ou identidade de género. Apenas com esta condição foram autorizados a permanecer no emprego com a Igreja. Isto estabeleceu um sistema de dissimulação, critérios duplos e desonestidade. Produz numerosos efeitos tóxicos, humilha as pessoas e as faz adoecerem; pode ter um impacto negativo na relação pessoal com Deus e na espiritualidade individual.

Todos na Igreja, especialmente os bispos no seu papel de liderança, são responsáveis pela criação de uma cultura de diversidade para que as pessoas LGBTIQ+ possam viver a sua profissão e vocação na Igreja abertamente e sem medo, e serem valorizadas ao fazê-lo.

A orientação sexual ou identidade de género, bem como a saída do armário e o estabelecimento de um relacionamento não heterossexual ou a celebração civil de um casamento não heterossexual, *nunca* devem ser considerados uma quebra de lealdade e, portanto, um obstáculo ao emprego ou um motivo de demissão. As pessoas LGBTIQ+ devem ter livre acesso a todas as profissões pastorais.

Além disso, a Igreja deve expressar nos seus ritos e celebrações que as pessoas LGBTIQ+, vivendo sozinhas ou em um relacionamento, são abençoadas por Deus e que o seu amor dá múltiplos frutos. Isto inclui *pelo menos* a bênção de casais do mesmo sexo que pedem tal bênção.

Com todas estas exigências, vamos a público juntos. Fazemos isto por nós próprios e em solidariedade com outras pessoas LGBTIQ+ na Igreja Católica Romana que (ainda) não têm, ou já não têm, a força para tal. Fazemos isso em solidariedade com todas as pessoas que estão sujeitas a estereótipos e marginalização através do sexismo, do capacitismo, do anti-semitismo, do racismo e de todas as outras formas de discriminação.

Mas também o fazemos pela Igreja. Porque estamos convencidos de que só agindo com sinceridade e honestidade é que se faz justiça ao que a Igreja supostamente está ali: a proclamação da mensagem alegre e libertadora de Jesus. Uma Igreja que tem a discriminação e exclusão das minorias sexuais e de género no seu núcleo deve se perguntar se pode apelar a Jesus Cristo em apoio a essa causa.

As vidas e as experiências das pessoas LGBTIQ+ são lugares diversos de conhecimento da fé e fontes de actividade divina. Estamos convencidos e nossas experiências nos mostram que a nossa diversidade torna a igreja mais rica, mais criativa, mais humana e mais viva. Como pessoas que se empenham à Igreja, queremos trazer as nossas experiências de vida e os nossos carismas à Igreja em pé de igualdade e partilhá-los com todos os cristãos e não-cristãos.

Para um novo começo, é essencial que os líderes da Igreja assumam a responsabilidade pelas inúmeras experiências infelizes das pessoas LGBTIQ+ na Igreja, que enfrentam a história de culpa da Igreja e acatem as nossas demandas.

A luta pela igualdade e contra a discriminação não pode ser deixada apenas às minorias marginalizadas. Essa luta é responsabilidade de todos e todas.

Com este manifesto, defendemos uma livre coexistência e cooperação na nossa Igreja, baseada no reconhecimento da dignidade de todos. Por conseguinte, convidamos todos e todas, especialmente aqueles que ocupam posições de responsabilidade e os líderes da Igreja, a apoiarem este manifesto.

¹ Entre outros: Congregação para o Clero: O Dom da Vocação Presbiteral. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, (2016), número 199.

² Entre outros: Congregação para a Doutrina da Fé, *Considerações sobre os projectos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais* (2003), e: *Catecismo da Igreja Católica* (1997), número 2357.

³ Congregação para a Doutrina da Fé, *Responsum da Congregação para a Doutrina da Fé a um dubium sobre a bênção de uniões de pessoas do mesmo sexo* (2021).

⁴ Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*, número 1.